

JUAN JULLIAN

Maldito
Ex,

A AUTOBIOGRAFIA
DA SUBCELEBRIDADE
MAIS ODIADA DO BRASIL

1ª edição

— Galera —

RIO DE JANEIRO

2021

*Lisboa,
13 de dezembro de 2025*

*Everything's in order in a black hole
Nothing seems as pretty as the past though
That Bloody Mary's lacking in Tabasco
Remember when you used to be a rascal?*

“Fluorescent Adolescent” — Arctic Monkeys

Querido leitor,

Não me importam os motivos que te fizeram abrir este livro, o importante é que você o fez. Talvez por ter ouvido o meu nome cuspidor pela boca de um repórter na televisão; por um youtuber que se considera capacitado para falar sobre “*relacionamentos abusivos*” ou em uma *#canceledparty* nas redes sociais; talvez pelo ódio decorrente de algumas das verdades ou mentiras espalhadas sobre mim ou, talvez, pelo sadismo possibilitado pela “*espiadinha*” na miséria da vida alheia.

Ou, quem sabe, você só é mesmo mais um millennial desocupado, sem nada melhor para fazer do que ler sobre a vida de um ex-participante de reality show, para depois reclamar que meu livro é cultura inútil e a razão pela qual a literatura contemporânea brasileira está tão falida quanto a minha carreira.

De qualquer forma, você está aqui, então seja bem-vindo! Até aqueles que estão atravessando estas páginas com o intuito de distorcer minhas palavras e seguir bradando pelas redes sociais que eu deveria estar morto ou preso, você também é de casa. Sem cerimônia, viu?

Acomode-se!

Vamos!

Tire os sapatos, estale os dedos, beba uma água e fique aqui. Eu tenho muito para contar e me regozijo ao perceber que, seja lá por qual escusa ou nobre motivação, você está a fim de ler.

Vale ressaltar que estou ciente de que não alcançarei tantos de vocês como *Ele* alcançou (sim, *Ele*, meu ex-namorado, aquele cujo nome não deve ser nomeado. Dessa forma, quando lerem “*Ele*”, saberão de quem eu estou falando).

Chega a ser irônico não poder mencioná-lo. Vocês não acham? Não consigo segurar o riso ao lembrar que, há alguns anos, o nome a não ser nomeado era o meu.

Mas não há como negar que *Ele* tornou-se mais famoso do eu jamais fui. Meu ego ainda não me deixou delusório. A narrativa de uma biografia como esta não tem chances contra um best-seller, uma série documental em uma plataforma de streaming e todos os derivados que, em demasia, exploraram os eventos retratados no livro *Querido Ex*. O que posso fazer se o espetáculo da tragédia vende mais do que o retrato da verdade?

Eu também sei que a versão dos acontecimentos que se popularizou, com a chancela da suposta e exclusiva verdade, dificilmente será alterada. E muito em decorrência de minha própria ação, outrora conduzida pela gana de fazer a manutenção daquele lugar sob os holofotes. Sim, isso foi um *mea culpa*. Como você irá perceber, essa história está recheada deles.

Logo, você, querido leitor, é o que me basta. Já não tenho nada a perder.

Quando me enfurnei aqui em Portugal, não me faltou tempo para reflexão. Longe dos holofotes, longe de tudo que me era familiar, eu pude retratar a minha história de vida, a história dos 33 anos que formaram quem eu sou.

Relendo as cartas originais do *Querido Ex*, uma pergunta me assombrava: aquilo tudo era verdade? Os acontecimentos que levaram ao fim do mais importante dos meus relacionamentos, se deram exatamente da forma como ficou registrado naquela correspondência?

Sim, era verdade. Era a verdade dele. Alguns pontos eram também a minha verdade.

Mas seriam as nossas verdades completamente convergentes? Eu realmente fui o homem retratado ali? Será que ainda sou ele?

Quando assinei o epílogo da última edição do livro *Querido Ex*, não havia dúvidas, nem para vocês nem para mim, de que eu era. Eu era aquilo e tudo mais. Abusador, oportunista, golpista, maldito. Inocente, acreditei que eu pudesse me redimir, que, assumindo os erros, eu teria uma segunda chance.

Não existem segundas chances.

Perdi meu emprego, fui expulso do meu partido político e acabei com o meu casamento. É um texto vitimista, eu sei, mas acredite quando eu digo que não me vejo dessa forma.

Afinal, vocês estavam certos. Eu merecia. Eu era aquilo, eu era o ex das cartas. Então o que fazer quando nem mesmo você tem dúvidas da sua essência maldita?

Os anos passaram e, como todo bom *trending topic*, o assunto esfriou. A morte do meu ex-namorado virou só mais uma morte. Com medo da violência, delineada nas ameaças constantes de fãs

póstumos do *Ele*, me vi escondido nesse bucólico fim de mundo, jurando para mim mesmo que não falaria nada.

Até agora.

Pois agora, quando o meu cancelamento, apesar de cristalizado, já não é tão lembrado; quando algumas cicatrizes se fecharam e quando eu consigo olhar no espelho sem detestar, na medida do possível, o que eu vejo, eu estou pronto para contar a minha verdade, a minha história.

Não sou monstro e nem sou vítima. Sou alguém no meio disso.

Nas próximas páginas, você vai se deparar com o meu olhar sobre a minha jornada de vida, e cabe ressaltar que será, sim, um vislumbre enviesado. A reconstrução dos fatos pelo próprio protagonista desses não tem como ser um reflexo exato de tudo o que aconteceu.

Além disso, a reprodução dos diálogos e das situações que considere simbólicas dessa minha jornada tem como fonte exclusiva a minha própria memória. Então, por favor, desconfiem de tudo que lerem aqui. Se preferirem, encarem como ficção. O faz de conta também carrega as suas verdades.

Por último, quero avisar que o *Querido Ex*, faz parte dessa narrativa, mas este não é um livro sobre ele. Este é um livro sobre mim e, para isso, acho importante que você não se esqueça do meu nome.

Eu não sou o Querido Ex, e tampouco sou o Maldito Ex.

Eu sou o Tiago e essa é a minha história.

PARTE 1

*O que você vai ser
Quando você crescer?*

“Pais e Filhos” — Renato Russo

Eu ainda lembro da primeira vez em que me apaixonei.

Caíque era novo na escola. Com um pai militar recém-transferido para o Rio de Janeiro, ele entrara no meio do ano letivo. Naqueles primeiros meses, ninguém falava com o novato. Ninguém mesmo.

As professoras cochichavam entre si que os “problemas de adaptação” decorriam da entrada no mês de junho, data tão inoportuna e contraproducente. Mas todo mundo sabia, mesmo que ninguém falasse, que o motivo da exclusão era a cor de sua pele.

Caíque era um menino da pele negra.

A discriminação extrapolava os muros da escola, chegando até as casas dos pais dos alunos do Colégio Santo Agostinho. Ou será que o mais certo seria dizer que o trajeto percorrido pelo racismo era o oposto, saindo da casa dos pais e entrando pelos portões do colégio, até se enfiar na cabeça daquelas crianças?

Pois assim como seus filhos brancos, os líderes dos tradicionais clãs dos bairros para o além Túnel Rebouças justificavam a ex-

clusão dos recém-chegados com desculpas dignas de participantes de reality show, tais como “falta de afinidade” e “não sabemos como os hábitos deles podem afetar as nossas crianças”.

A única exceção, pelo menos por um tempo, foi Valentina, também conhecida como a minha mãe.

Mas antes que você se engane, já deixo avisado que Valentina estava longe de ser uma dessas “salvadoras brancas”. Ela não era nenhuma Sandra Bullock naquele filme que ganhou o Oscar, em que interpreta uma mulher que adota um jogador de futebol americano negro e é considerada uma santa por dar para o menino uma cama e um teto.

A situação aqui foi ainda mais decadente.

Ao desfilar para cima e para baixo com os recém-chegados, Valentina, então esposa de advogado, vivia no melhor estilo bela, recatada e do lar, e se cobriu com uma aura “progressista”, “moderna” e “descolada”. No final do dia, nossa família era tão racista quanto todas as outras.

De qualquer forma, foi graças a ela que Caíque começou a passar as tardes de terças e quintas lá em casa. Relaxados, com as perninhas cruzadas no chão da sala, travávamos intermináveis partidas de video game no Playstation, enquanto Maria Firmina e Valentina faziam as unhas, tomavam café com adoçante e falavam mal das outras mães.

Valentina passou até mesmo a cortar o cabelo de Caíque.

Na época, essa ainda era “a coisa” dela, cortar cabelo.

Antes de casar com meu pai, Valentina era herdeira do salão de beleza da mãe, minha finada avó Adália, cujas fotos ostentando um penteado estruturado por um excesso de laquê sempre recobriram a parede de nossa casa.

Quando criança, eu passava horas e horas ouvindo Valentina falar sobre como voltava correndo da escola e ia direto para o salão; sobre como a mãe a deixava cortar as pontinhas do cabelo das clientes mais íntimas e de como serpenteava pelas pernas das cabeleireiras, correndo para lá e para cá.

Algumas vezes durante essas histórias, quando eu estava deitado em seu colo e quase adormecido com o cafuné de seus dedos longos, Valentina ficava um tempo em silêncio com o olhar perdido. Então se levantava, ia até o quarto e instantes depois voltava segurando uma caixa de sapato.

Eu me inclinava para bisbilhotar, mas ali só tinha um objeto: a foto de uma mulher negra com os cabelos cacheados, parada na frente daquele lugar que eu já reconhecia como o famigerado salão de cabelo da vó Adália.

Essa aqui, meu bem, é a Sebastiana, foi uma das funcionárias de sua avó.

Valentina me entregava a foto, eu a encarava por alguns segundos e depois ela tornava a guardá-la na caixa, que era então enfiada nos confins do armário,

Mas o que importa agora é saber que, junto com o casamento, veio por água abaixo o sonho de herdeira do salão. Para agarrar aquele “partidão” de “boa família” com uma aliança, Valentina deveria cumprir o contrato tácito de abandonar qualquer aspiração além do cumprimento da jornada dupla na função não regulamentada de esposa e mãe.

Assim, com a morte da mãe, Valentina vendeu o salão e foi viver a vida que sempre imaginou querer.

Performando o papel de dona de casa, fazia o possível para se realizar, sonhando com o que poderia ter sido e sentindo a saudade na ponta da língua. Por muito tempo, ninguém além dela

tinha posto as mãos no meu cabelo. Nos dias em que percebia que meus fios loiros já alcançavam a nuca, Valentina agarrava a tesoura dourada, sorrindo como se o Natal tivesse chegado mais cedo, pronta para arrumar os meus cachos.

Já para mim, o Natal chegava com Caíque entrando na minha casa.

Depois de dois anos na escola, nós dois já éramos um. Não existia Tiago sem Caíque ou Caíque sem Tiago. Nos meus aniversários, o primeiro pedaço de bolo era o dele. Nos trabalhos de colégio, a minha dupla era ele. Nos passeios, o lugar ao meu lado era o dele.

Até suspensão da escola eu levei pelo meu amigo.

Aconteceu no recreio, durante uma partida de futebol. Alfredo, um dos nossos colegas de classe, atirou uma banana em Caíque. Em seguida, o escroto imitou um macaco, gesto infeliz repetido tantas vezes em jogos universitários Brasil afora.

Não era a primeira vez que faziam aquilo.

Caíque nunca revidava e eu ficava puto, não entendendo o porquê de ele ficar em silêncio. Naquela tarde, meu ímpeto foi correr e encher a cara do Alfredo de porrada mas Caíque me impediu, fazendo com que eu me limitasse a gritar o mais alto que meus pulmões pré-adolescentes conseguiam.

— Alfredo! Eu vou acabar com a sua raça, te dar um chute no saco e depois te jogar na sarjeta!

— A Tiaguinha tá ofendida porque xingaram seu macaquinho de estimação?

— Você é um grande merda!

— E você é mulherzinha do Caíque!

— Eu vou matar você! — Caíque me segurou com ainda mais força.

— Para, Tiago. Não vale a pena, deixa pra lá, ele não passa de um daquele cocozinho marrom que aparece na primeira fase do Mario.

Com a arrogância de uma criança branca, eu obviamente ignorei o pedido do meu amigo. E o que você faz para se vingar quando se tem o privilégio de achar que pode fazer o que quiser?

Você vai até o banheiro e se tranca na cabine. Você senta na privada e faz força para cagar até o rosto ficar vermelho e suor brotar na testa. Você enfia a mão em um saco plástico que pegara em um lugar qualquer e, cheio de nojo, você pega aquela massa molenga e corre de volta para a sala de aula vazia. Você procura a mochila do escroto. Finalmente, você abre o zíper e lambuza todo o interior da bolsa com a merda.

Quando o sino anunciou o fim do intervalo e todos voltaram para a sala, Alfredo sequer precisou abrir a mochila para descobrir que estava cagada. Por conta do calor do Rio de Janeiro, o cheiro terrível tinha se impregnado nas mesas e carteiras.

As risadas na sala foram mais altas que o grito de nojo do menino. A professora perguntou quem havia feito aquilo. Eu sorri e levantei o braço.

— Fui eu quem colocou merda na mochila desse merda, professora.

Passei o resto do dia letivo sentado na cadeira da sala da diretoria. Valentina foi chamada e eu fui suspenso por dois dias.

Tudo na minha vida mudaria naqueles dois dias.

Depois de 24 horas ao meu lado, Valentina já não aguentava mais ouvir os meus protestos e, vencida pelo cansaço, dera uma brecha no castigo, autorizando que Caíque passasse a noite lá em casa.

Brincamos o dia inteiro e ficamos na cama, batalhamos contra o sono, acordados por horas e horas, falando até os lábios ressecarem. Quando a conversa morreu, eu fechei os olhos e sussurrei para que Caíque sáisse de seu colchão e viesse para a minha cama. Assim ele o fez. Deixei meu braço deslizar para a cama dele. Meus dedos ficaram próximos aos de Caíque e os dele me encontraram. Ele segurou a minha mão. Eu retribuí o aperto.

— Ei, obrigado por ter feito aquilo.

— Ele mereceu. Tava na hora.

— Merecer, mereceu...

— Posso te perguntar uma coisa, Caíque? — Ele assentiu. — Por que você não fez nada? Por que você nunca faz nada quando te falam essas coisas?

— Não sei. Ou, sei lá. Minha mãe diz que é pra eu não criar problema nessa escola, que se eu revidar vai ser pior... ontem ela falou que se eu tivesse feito o que você fez, eles teriam me expulsado...

— Claro que não! Mas que bobagem. Você precisa reagir, Caíque. Eu reagi e olha, o pior que eu ganhei foi uma suspensão. Uma suspensão é nada por eu ter esculachado o Alfredo na frente da turma toda.

— Mas a gente não é igual, né Tiago? Não é porque deram só uma suspensão pra você que fariam o mesmo comigo.

Incapaz de verbalizar a resposta que já estava na pergunta, eu fiquei em silêncio. Instantes depois, ele aproximou o corpo do meu. A ponta do meu nariz tocou a de Caíque, meu pé escorregou pela sua canela. Eu fechei os olhos.

Um espasmo involuntário sacudiu minha carne quando ele pressionou o quadril contra o meu e deixou um selinho na mi-

nha boca fechada. Eu retribuí o beijo, perdendo o ar enquanto apertava meus lábios contra os dele.

Quando abri os olhos, Caíque já havia voltado para o seu colchão, deitado de costas para mim. Eu fechei os olhos e sonhei que aquele beijo durava para sempre.

Na manhã seguinte, acordamos com a voz da mãe do Caíque entrando no quarto. Maria Firmina tinha chegado cedo para levar Caíque, mas Valentina insistiu que ficassem para o almoço. Ela aceitou.

As duas foram para a cozinha. Ficamos na sala jogando video game, sem mencionar o que acontecera na noite anterior, mas ainda assim com as pernas dobradas na posição de lótus e a pele ressecada dos joelhos deslizando uma contra a outra.

Eu pausei o jogo ao ouvir uma voz rouca. Meu pai chegava de uma viagem de trabalho. Deu um beijo na minha testa, largou um exemplar da revista *Recreio* no meu colo, bagunçou o cabelo de Caíque e foi até a cozinha.

— Caramba, Tiago. Também queria que meu pai me desse presente quando eu tô de castigo.

Com a bochecha vermelha, larguei a revistinha de lado e apertei o play. Voltamos a jogar para, segundos depois, tornar a interromper a partida. O barulho de algo se quebrando chamara a nossa atenção.

— Valha-me Deus, que desastrada que eu sou.

Vindo apressada da cozinha, Valentina se trancou no banheiro, a roupa branca enegrecida pelo café. Alguns minutos depois, o ruído do chuveiro aberto chegava até a sala.

Eu e Caíque nos olhamos e, pé ante pé, fomos até a porta da cozinha, na intenção de rir da bagunça feita pelos adultos.

Agachada, Maria Firmina passava um pano úmido na lambança.
— Deixa eu te ajudar, meu bem.

Meu pai parou ao lado da mãe de Caíque, mas não recolheu nenhum caco. Ao invés disso, deslizou a garra branca e peluda pela bunda da mulher.

— Você tá maluco?!

Demos um pulo com o estalo do tapa que ela acertou na cara de Otaviano. Maria Firmina saiu em disparada, os olhos vermelhos e arregalados, puxando o filho pelo braço enquanto gritava que Otaviano era um filho da puta tarado.

Eu queria correr atrás dos dois. Eu queria me despedir de Caíque, me certificar de que ainda nos veríamos na escola e que na semana seguinte ele estaria de volta para terminar a partida de video game, ainda pausada na televisão da sala. Mas não fiz nada. Fiquei parado, na porta da cozinha, contando os cacos da louça espatifada pelo chão.

Valentina saiu do banheiro, enrolada na toalha, o cabelo molhando o chão enquanto perguntava o tinha acontecido.

Eu ainda podia ouvir a voz de Caíque chamando por mim mas não olhei para trás. Apenas levei minha mãozinha até a cabeça e arranquei, um por um, os meus fios de cabelo. Parei quando cheguei no número sete.

Caíque nunca mais voltou à minha casa. Otaviano manufaturou uma versão mequetrefe do ocorrido e Valentina acreditou. O nome de Caíque e o de sua mãe nunca mais foram mencionados. Maria Firmina era referida como “a vagabunda” e Caíque, o “delinquentezinho”.

Mas o desespero de Valentina em acreditar na inocência do marido não foi capaz de impedir o inevitável. Otaviano nos

abandonou alguns meses depois do incidente do café no chão. Segundo Valentina, havíamos sido trocados pela estagiária.

No dia em que Otaviano fez as malas e bateu a porta de casa, eu a ouvi, pela primeira vez, falar a frase que se tornaria a sua marca registrada: *A vida não vale a pena sem o seu pai*. Desde então, Valentina nunca mais cortou o meu cabelo.